

Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 4, Cristologia Patrística, Parte 3, Desenvolvimento, FalsePaths, Apolinarismo e Nestorianismo

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson e seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 4, Cristologia Patrística, Parte 3, Desenvolvimento, Caminhos Falsos, Apolinarismo e Nestorianismo.

Continuamos com nosso tratamento da Cristologia Patrística à medida que nos aproximamos cada vez mais do Concílio de Calcedônia, pensando claramente sobre o assunto, a pessoa da Encarnação.

Relacionado à discussão trinitária está a questão do sujeito da Encarnação. Dada a distinção natureza-pessoa, precisamos fazer a pergunta, quem precisamente se tornou encarnado? Quem é o sujeito da Encarnação? A Escritura é clara, o Verbo se tornou carne, João 1:14. Foi a pessoa do Filho que se tornou encarnada. Dois pontos importantes decorrem dessa afirmação.

Primeiro, na Encarnação, não foi a natureza divina que se tornou carne ou assumiu uma natureza humana, como se as naturezas estivessem agindo como sujeitos pessoais. Nem o Pai ou o Espírito se tornaram carne. Em vez disso, foi Deus Filho, a segunda pessoa da Divindade, que se tornou carne.

Antes da Encarnação, o Filho, desde a eternidade, junto com o Pai e o Espírito, igualmente compartilhava, possuía e subsistia na única natureza divina, e assim vivia em perfeita comunhão e amor, habitando mutuamente um no outro. É por essa razão que o Pai, o Filho e o Espírito são plena e igualmente Deus, embora, como pessoas, sejam irreduzivelmente distintos, um fato demonstrado pela Encarnação. Segundo, afirmar que o sujeito da Encarnação é a pessoa do Filho não é simplesmente dizer que o Filho é uma pessoa que possui duas naturezas, por mais verdadeira que seja essa afirmação.

Em vez disso, é afirmar que no centro do ser de Cristo está a pessoa do Filho vivendo na terra como um homem. Esta afirmação é contrária àqueles na igreja primitiva que pensavam em Cristo mais como um homem que era habitado por Deus Filho. A Encarnação é o ato pessoal do Filho divino que deliberadamente, voluntariamente e sacrificialmente escolheu assumir a forma de um servo e se fazer pobre em obediência à vontade do Pai e para nossa salvação.

Filipenses 2:7, 2 Coríntios 8:9. Além disso, também devemos afirmar que o Filho continuou a ser quem sempre foi como Deus Filho. Sua identidade não mudou, nem

ele mudou ao deixar de possuir todos os atributos divinos e desempenhar e exercer todas as suas funções e prerrogativas divinas. No entanto, agora, ao tomar a natureza humana em união pessoal, ele é capaz de viver uma vida totalmente humana e entrar em uma gama totalmente nova de experiências e relacionamentos.

O Filho, como sujeito pessoal da Encarnação, agora é capaz de experimentar a vida em um corpo humano e em uma alma humana. Ele experimenta a dor humana e as tentações humanas e até mesmo prova a morte. Novamente, como MacLeod observa, antes e além da Encarnação, Deus sabia dessas coisas por observação.

Mas a observação, mesmo quando é a da onisciência, fica aquém da experiência pessoal. Assim, é o que a Encarnação tornou possível para Deus, uma experiência pessoal real de ser humano. O que isso implica, então, é que o bebê concebido pelo Espírito Santo em Maria, que nasceu, que cresceu em sabedoria e estatura e em favor de Deus nos homens, Lucas 2.52, era a mesma pessoa divina que tinha sido eternamente o Filho em relação ao Pai e ao Espírito.

O Encarnado não era simplesmente um homem em quem Deus habitava ou mesmo um homem unicamente capacitado pelo Espírito de Deus. Em vez disso, Jesus de Nazaré é Deus Filho, vivendo pessoalmente na terra e experimentando o que significa ser humano, para nós e para nossa salvação. Na verdade, a Igreja insistiu nisso porque é precisamente isso que a Escritura ensina, e este é precisamente o tipo de Redentor de que precisamos.

Precisamos de um Salvador que seja um homem para nos representar. Mas mais do que isso, precisamos que o Senhor venha e salve. A salvação é do Senhor, e a menos que seja o Senhor que venha, sofra e morra na cruz, então Sua morte não teria poder ou eficácia para realizar nossa salvação.

E o Filho, como a segunda pessoa da Divindade, fez isso ao tomar uma natureza humana com toda a sua gama de capacidades em Sua própria pessoa divina, ao lado da natureza divina que Ele possuía eternamente. Fairbairn captura essa ênfase com sua declaração de que a afirmação fundamental da Igreja primitiva era que a única pessoa que é Jesus Cristo é Deus Filho. Foi Deus Filho como uma pessoa, não apenas uma natureza divina, que desceu do céu.

Foi Deus Filho como uma pessoa que uniu a humanidade a Si mesmo, não duas naturezas unidas para fazer uma nova pessoa. O que torna isso possível é que a pessoa do Filho que possui a natureza divina é capaz de agir em e através de ambas as naturezas. Antes da Encarnação, o Filho agiu em e através da natureza divina, junto com o Pai e o Espírito.

Mas agora, como resultado da ação pessoal do Filho em obediência ao Seu Pai e pela agência do Espírito, Ele também é capaz de agir em e através de Sua natureza

humana. Esse entendimento pressupõe que a natureza, seja divina ou humana, consiste em atributos, características ou capacidades que a tornam o que ela é. Também pressupõe que as naturezas nunca existem por si mesmas.

Eles sempre têm uma pessoa em quem a natureza reside. Neste caso, no caso da Encarnação, então Fairbairn, junto com a Igreja, tirou a seguinte conclusão, e eu cito: Deus Filho, uma das três e únicas pessoas que possuem a natureza divina, adicionou à Sua própria pessoa uma natureza humana completa, um complemento total das características e componentes que fazem alguém humano. Desta forma, a mesma pessoa, a segunda pessoa da Trindade, era divina e humana.

Ele era divino porque desde toda a eternidade, Ele possuía a natureza divina. Após a Encarnação, Ele também era humano porque Ele tomou sobre Si a carne, isto é, todas as características que definem alguém como ser humano. Porque esta mesma pessoa, a quem agora chamamos Jesus Cristo, era divina e humana, Ele era capaz de viver em dois níveis ao mesmo tempo.

Ele continuou a viver no nível divino como Ele tinha feito desde toda a eternidade, compartilhando a comunhão com o Pai, mantendo o universo, veja Colossenses 1:17, e tudo o mais que Deus faz. Mas agora Ele começou a viver em um nível humano ao mesmo tempo, sendo concebido e nascido como um bebê, crescendo em Nazaré, aprendendo as escrituras como qualquer outro garoto judeu faria, ficando com fome, sede e cansado, e até mesmo morrendo, citação próxima. O famoso livro de Fairbairn, *Life in the Trinity*, páginas 143 e 44.

Obviamente, essa afirmação levanta uma série de questões legítimas, mas difíceis, a respeito do Filho Encarnado. Ao longo da história da Igreja, seja no Arianismo ou em outras visões heréticas, e especialmente desde o Iluminismo, um dos apelos das Cristologias não-Ortodoxas tem sido sua capacidade superficial de explicar, entre aspas, áreas de mistério. Por exemplo, no Kenoticismo do século XIX, muito de seu apelo de que ele pode explicar melhor a psicologia do Filho Encarnado foi sua solução para negar que o conhecimento experimentado do Filho Encarnado operava em dois níveis simultaneamente.

Em vez disso, argumentou que o conhecimento experimentado de Jesus era meramente humano, uma vez que Ele havia deixado de lado Seus atributos divinos ao se tornar um homem. O problema, no entanto, é que essa explicação renunciou ao ensinamento bíblico e à afirmação da Igreja de que o Filho Encarnado era capaz de viver simultaneamente uma vida divina e humana devido à Sua posse de duas naturezas. Eles resolveram o problema criando um problema maior.

Mais tarde, no período da Reforma, a afirmação da Igreja de que o Filho era capaz de viver em dois níveis simultaneamente tornou-se conhecida como extra calvinisticum.

O termo é, na verdade, um ataque luterano à teologia reformada. É o latim extra ou fora ou sem.

Calvinisticum é latim para calvinista . É o calvinista extra ou externo, o ensinamento de que a segunda pessoa da Trindade se tornou totalmente encarnada em Jesus de Nazaré, mas como Ele é um membro da Trindade, e a Trindade não se tornou nobre quando o Filho se tornou um homem, o Filho também permaneceu totalmente externo ou sem a Encarnação. A segunda pessoa, totalmente encarnada, a segunda pessoa permaneceu externa.

Caso contrário, a Trindade explodiu, e isso é uma impossibilidade. Como E. David Willis explica a citação, o chamado extra calvinisticum ensina que o Filho Eterno de Deus, mesmo depois da Encarnação, foi unido à natureza humana para formar uma pessoa, mas não estava restrito à carne fechar citação. Mas é crucial notar que o extra não era novo para Calvino.

Era o que a Igreja sempre afirmou, dado que o sujeito de ambas as naturezas era a pessoa do Filho. É por isso que Willis corretamente argumenta que o extra de Calvino deveria ser chamado de extra catholicum , o extra católico, significando Igreja universal, ou o extra patristicum , o extra patristico, porque era o ensinamento dos Padres. A Igreja sempre considerou necessário confessar que, porque o sujeito da Encarnação é Deus Filho, nosso Senhor Jesus, mesmo no estado de humilhação, continuou a viver, agir e experimentar como Deus e homem.

A pessoa que é capaz de fazer ambas as coisas é a mesma antes e depois da Encarnação. Você sabe, ainda assim, em obediência ao seu Pai e em confiança no Espírito, o Filho continuou a exercer suas prerrogativas divinas conforme o Pai permitiu e consistente com esta missão messiânica, enquanto também vivia uma vida totalmente humana como nossa nova cabeça da aliança. Misterioso de fato, mas é essencial confessar isso.

A Trindade foi reduzida permanentemente? Não, é impossível. A Trindade é Deus, e ainda assim o Filho é verdadeiramente encarnado? Ah sim, totalmente encarnado, totalmente extra. Os Pais tinham duas versões diferentes da Encarnação.

Cristologia do homem-palavra, a palavra eterna, o Filho, a segunda pessoa, toma para si uma natureza humana plena, corpo e alma. Na Cristologia da carne-palavra, o Filho toma para si meramente um corpo humano sem uma alma humana. Quero sempre falar respeitosamente do povo de Deus e do povo de Deus; um amigo recentemente disse bem quando disse, eu nunca pensei sobre isso antes.

E eu queria dizer de volta, eu não, mas tudo bem. Eu nunca tinha pensado que Jesus tinha uma alma ou espírito humano antes. Eu queria dizer, bem, contanto que você não negue, você está bem.

Ser ignorante sobre algo é ok. Negar o mesmo nem sempre é ok. A caminho de Calcedônia, a igreja também teve que lutar com a natureza da humanidade de Cristo.

Uma das questões não resolvidas de Nicéia era se Cristo tinha uma alma humana e, portanto, uma natureza humana completa. Walter Toyin e outros já haviam insistido na existência da alma de Cristo, na existência da alma de Cristo. Ário negou sua realidade e argumentou por algum tipo de natureza composta em Cristo.

Mesmo defensores ferrenhos da ortodoxia nicena, como Atanásio, não eram completamente claros sobre esse ponto. Ele parece ter ensinado, sim, Jesus tinha uma alma humana, diferente de Apolinário, que disse que o logos ocupava o lugar da alma de Jesus. Portanto, Jesus tinha uma humanidade incompleta.

Não, Atanásio disse que tinha, mas parece que ele não agiu. Não agiu. Então ele é ortodoxo, e ainda assim não é uma Cristologia de homem de palavra completa.

Por exemplo, na refutação de Atanásio ao arianismo, ele não faz distinção, nenhuma menção à alma humana de Jesus, e parece pensar na encarnação como um filho assumindo um corpo humano, mas não uma alma. É uma das razões pelas quais ele atribui as qualidades espirituais de Cristo ao logos, enquanto suas paixões são atribuídas ao seu corpo. Após a controvérsia apolinariana, no entanto, a igreja insistiu cuidadosamente que o filho na encarnação assumiu o corpo e a alma humanos, e meu entendimento é que Atanásio fez o mesmo, embora a alma humana não tenha feito muito.

Novamente, ele está dentro do limite da ortodoxia, mas ele está relutante em afirmar uma Cristologia completa do homem da palavra Deus. Ele fez isso. É a palavra homem, mas a palavra homem não é realmente operante em termos do aspecto da alma do homem.

Na igreja primitiva, falando de modo geral, havia duas maneiras de pensar sobre a natureza humana de Cristo — palavra logos homem versus palavra logos carne. No debate ariano, e mais tarde com Apolinário, a igreja insistiu que uma visão palavra-homem era necessária para explicar o ensino bíblico.

A necessidade de uma Cristologia do homem-palavra era especialmente evidente na discussão pós-calcedônia sobre a questão da vontade, como representada pela insistência da igreja de que o filho encarnado tinha duas vontades. Uma visão do homem-palavra, diotelismo, em oposição à visão de que ele tinha uma vontade, monotelismo, uma visão da carne-palavra. Queremos distinguir essas diferentes visões e destacar sua significância para o surgimento de uma Cristologia ortodoxa.

crisologias do homem da palavra e da carne da palavra resultou, como Fairbairn afirma, “de diferentes maneiras de refutar o desafio teológico do arianismo, que argumentava que, uma vez que Deus, o filho, sofreu e morreu, ele deve ter sido passável em vez de intransponível e, portanto, menor que o Pai”. Em resposta, os antioquianos, os teólogos de Antioquia, argumentaram que aquele que sofreu e morreu não era Deus, o Filho, e, portanto, eles ainda podiam afirmar que Deus, o Filho, era intransponível e igual ao Pai.

Mas como Fairbairn observa a citação, isso os levou a uma cristologia que dividiu o logos do homem Jesus e entendeu a salvação como uma marcha humana seguindo Jesus do que Teodoro chamou de primeira era, uma de imperfeição e, desculpe-me, moralidade, para a segunda era chamada de vida humana perfeita, citação próxima. Foi por essa razão que os antioquianos tendiam a ler o Antigo Testamento de uma forma mais literal, mas foi sua teologia geral que produziu esse tipo de interpretação, não qualquer desejo particular de levar a história mais a sério. Em contraste, a visão alexandrina refutou o arianismo ao afirmar que era a pessoa do filho que sofria, mas que ele sofria em sua natureza humana, não em sua natureza divina, empregando assim a distinção crucial natureza-pessoa.

Isso os levou a uma Cristologia diferente, que é importante para a visão ortodoxa da igreja, a saber, que Deus Filho era o sujeito ativo em todos os pontos da nossa salvação, em relação ao Pai e ao espírito, em sua encarnação, vida, morte, ressurreição, ascensão e assim por diante. Assim, a exegese alexandrina do texto que descreve Cristo, como Fairbairn observa, citação, atribuiu todas as suas ações e experiências ao próprio logos, mas dividiu entre o que o logos fez que estava de acordo com sua natureza humana e o que ele fez que estava de acordo com seu modo de vida humano recém-adotado. Os antioquianos, especialmente Nestório, lidaram com as mesmas passagens atribuindo algumas ações ao logos e outras ao homem Jesus, citação próxima.

O resultado é este: as diferenças entre essas escolas têm mais a ver com diferentes teologias sobre Cristo e a salvação em sua resposta ao arianismo do que com diferentes ênfases na exegese. Não devemos pensar em duas escolas diferentes bem desenvolvidas, mas sim, devemos pensar em duas abordagens diferentes para teologia, salvação e cristologia. Se pensarmos em pensadores antioquianos, particularmente três indivíduos principais, Teodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia e Nestório, que foram todos condenados pela igreja, devemos ver sua cristologia como não ortodoxa.

Como Fairbairn observa, todos esses três pensadores, entre aspas, viam Cristo de forma divisiva e, portanto, colocavam sua ênfase no homem assumido em vez do logos divino, entre aspas. Então, em nossa discussão sobre palavra-homem versus palavra-carne, não ligaremos essas visões a escolas diferentes. Em vez disso, as ligaremos à questão central da natureza da humanidade de Cristo.

Com essa ressalva em vigor, vamos agora descrever essas duas abordagens. O que, então, é uma visão palavra-carne e suas implicações para entender a humanidade de Cristo? A visão é esta: na Encarnação, o Filho, logo, substitui uma alma humana e entra em união com o corpo humano para formar um ser humano. Mas, é crucial notar que o que se perde é a humanidade plena de Cristo.

Por que assim? Normalmente, a igreja é identificada com a alma humana, uma psicologia humana inteira que inclui razão, vontade, intelecto, emoções, etc. Mas sem uma alma humana em Cristo, ou mesmo uma substituição dela pelo Filho, uma visão palavra-carne enfraquece a humanidade plena de Cristo e tem dificuldade em explicar como o Filho Encarnado poderia experimentar toda a gama de emoções e experiências humanas; Sinto muito, e relacionamentos, mais significativamente agem como nosso Redentor. Além disso, as abordagens palavra-carne tendem a endossar uma natureza de visões de Cristo, monofisismo, ou algum tipo de natureza mesclada em vez de duas naturezas.

Em contraste, uma visão do homem-palavra insiste que na Encarnação, o Filho Divino assumiu uma natureza humana completa, corpo e alma, e assim uma psicologia humana completa, incluindo toda a atividade de conhecer e querer, construindo sobre a distinção natureza-pessoa. Essa visão sustentava que a pessoa é o sujeito de sua natureza, que a pessoa é o sujeito de sua natureza que age em e através de sua natureza. Em termos de Cristologia, então, a pessoa do Filho, dado que ele assumiu uma natureza humana completa, é agora capaz de viver uma vida plenamente humana, ao lado de como ele também viveu em relação ao Pai e ao Espírito.

Mas para viver uma vida humana, o Filho precisava de mais do que um mero corpo ou carne. Ele também precisava de uma alma humana para desejar, agir e experimentar como um homem. À medida que a Igreja viajava pela estrada para Calcedônia, sua compreensão da humanidade de Cristo se tornou mais precisa ao abraçar uma visão de homem-palavra.

A Escritura insiste claramente na humanidade plena de Cristo, e a Igreja sabia que não poderia dar conta desse ensinamento a menos que uma visão do homem-palavra fosse adotada. Em última análise, a Igreja sabia que o que estava em jogo era a salvação. Se o Filho não assumisse pessoalmente nossa natureza humana plena e vivesse e morresse em nosso lugar como o homem Cristo Jesus, como ele poderia nos redimir? Além disso, como a visão do homem-palavra enfatizou, não era suficiente para Cristo ter uma natureza ou duas naturezas incompletas.

Ele, como o Filho Divino, precisava de duas naturezas, explicando assim como ele é totalmente Deus e totalmente homem simultaneamente. Com esses desenvolvimentos teológicos em andamento, vamos agora nos voltar para três heresias que surgiram nos anos entre Nicéia e Calcedônia, que resultaram em maior

clareza cristológica. Na resposta da Igreja a essas heresias, descobrimos mais uma vez o lado positivo da heresia.

Maior clareza e precisão na Igreja está lutando com a maravilha e a glória da Encarnação. Não queremos dizer que as heresias são positivas em si mesmas, mas Deus liderou a Igreja na teologia da controvérsia, e ele força a Igreja a buscar, entender, confessar e promulgar a verdade para derrotar o erro. De Nicéia a Calcedônia, falsos caminhos cristológicos.

Após o estabelecimento da Ortodoxia Trinitária, mais clareza cristológica resultou, o que eventualmente levou à definição calcedoniana, à declaração do Concílio de Calcedônia e à afirmação cristológica definitiva. Especificamente, maior precisão foi alcançada na distinção pessoa-natureza, na natureza da humanidade de Cristo e na unidade de sua pessoa, pois três falsas visões a respeito de Cristo foram rejeitadas. Vamos pensar sobre esse desenvolvimento, primeiro vendo o que a Igreja rejeitou antes de retornarmos à formulação positiva de Calcedônia.

Apolinarismo. Apolinarismo é a visão atribuída a Apolinarius , Bispo de Laodicéia, 315-392, que foi um firme defensor da divindade de Cristo, bom, e da Ortodoxia Nicena, boa. Ele era um grande amigo de Atanásio, bom, mas dadas suas visões cristológicas aberrantes, especificamente em sua compreensão da natureza humana de Cristo, Atanásio e os três teólogos capadóciotes mais tarde se opuseram a ele, infelizmente, bom.

Sua visão foi rejeitada por vários concílios da Igreja, incluindo o Sínodo de Alexandria, 362, e mais significativamente, o Concílio de Constantinopla em 381. A visão de Apolinário representava uma compreensão clássica de palavra-carne da Encarnação em vez de palavra-homem. Ele afirmou que Deus Filho era consubstancial a Deus Pai, portanto, totalmente Deus, mas na Encarnação, o Filho tomou para si uma natureza humana incompleta, um corpo humano, carne, mas não uma alma humana.

Ele procurou evitar a ideia de que a Encarnação era um mero Deus habitando no homem. Em vez disso, como observa Grillmeier , para Apolinário , a Encarnação só acontece se o pneuma divino, cuspe, e o sarx terrestre , carne, juntos formam uma unidade substancial de tal forma que o homem em Cristo primeiro se torna um homem através da união desses dois componentes. Em outras palavras, em Cristo, há uma união substancial de um elemento celestial, logos, e um elemento terrestre, o corpo humano.

Para ter certeza, as partes do Deus-homem, Cristo, não são equivalentes. Como Grillmeier explica, entre aspas, o pneuma divino, espírito, mantém sua preeminência por toda parte. Ele se torna o espírito vivificante, o motor eficaz da natureza carnal, e juntos os dois formam uma unidade de vida e ser, entre aspas, com o pneuma divino,

ou logos, aquilo que dirige e energiza a carne, semelhante ao esquema forma-matéria de Aristóteles.

O resultado final é que Cristo se tornou, tem uma natureza, significa fisis , não dois, uma unidade composta, uma unidade viva do logos divino e da carne humana, que forma o indivíduo autodeterminado que conhecemos como Jesus de Nazaré. Para Apolinário , dada essa unidade composta e uma visão da natureza da Encarnação, em Cristo há uma troca real de atributos. Lidaremos com isso mais tarde.

Troca de atributos, comunicação idiomatum , algum tipo de mistura de divindade e humanidade, de modo que Cristo é totalmente Deus e totalmente homem, não em um verdadeiro sentido de natureza, com a pessoa do sol subsistindo em ambas as naturezas, mas em um sentido de natureza composta, ou o que Grillmeier chama de unidade natural. Principalmente por motivos sociológicos, a igreja rejeitou fortemente essa visão. Cristo não pode nos representar e redimir se ele não assumir uma natureza humana completa.

Gregório de Nazianzo declarou bem a posição da igreja em sua famosa declaração, o que não é assumido não é curado. O que não é assumido não é curado. Ele apenas salvou nossos corpos, ou veio para nos salvar de corpo e alma? Para Cristo servir como um representante da aliança, cabeça e substituto, ele deve assumir uma natureza humana completa, corpo e alma.

Caso contrário, nossa redenção é incompleta. Ao rejeitar essa visão, a igreja traçou uma linha na areia. Uma cristologia adequada é necessária para a soteriologia.

Para ter um redentor que realmente redime, ele deve ser totalmente Deus e totalmente homem. A pessoa e a obra de Cristo estão inseparavelmente ligadas. Ele se tornou encarnado para salvar seu povo de seus pecados.

Essa é a razão. Além disso, na rejeição do Apolinarianismo pela igreja, três questões importantes ressurgiram. Primeiro, como a igreja distinguiu cuidadosamente pessoa e natureza na teologia trinitária, ela também teve a ver com cristologia e defendeu duas naturezas em um Cristo, não uma.

Segundo, a igreja rejeitou a Cristologia palavra-carne como inadequada, afirmando assim a realidade da alma humana de Cristo, que inclui uma vontade, mente e psicologia humanas. Terceiro, a igreja insistiu que a pessoa sujeito ativa unificada de Cristo é um filho divino que acrescentou a si mesmo uma humanidade completa e, portanto, a pessoa não é uma união composta construída pela combinação de logos e carne humana, nem é, como Nestório mais tarde argumentaria, uma conjunção ou união de dois seres pessoais. Em vez disso, o sujeito ativo é o filho eterno que assumiu uma natureza humana com todas as suas capacidades, permitindo-lhe assim viver uma vida plenamente humana e divina.

Nestorianismo. O nestorianismo é identificado com, você adivinhou, Nestório, 381 a 451, o arcebispo de Constantinopla de 428 a 431, que foi condenado no Concílio de Éfeso em 431. Há um debate legítimo sobre se o próprio Nestório era nestoriano, e não há dúvida de que o debate entre Nestório e Cirilo de Alexandria, que apresentou as acusações contra ele, foi muito acalorado.

No que se segue, assumiremos que Nestório se apegou ao que é chamado de Nestorianismo. Isso é muito discutível, e eu tinha aprendido que Nestório não é um nestoriano, então deixarei isso como uma questão de debate, e cederei a um maior conhecimento dessas coisas e direi que talvez deva ser inclinado na direção de dizer que ele era, afinal, um nestoriano. O nestorianismo é frequentemente identificado com uma abordagem do homem-palavra à Cristologia, mas ele tropeça na questão da unidade da pessoa de Cristo.

Então, manter a palavra homem não significa necessariamente que você acertou tudo. Assim como no Gnosticismo, manter um filho divino que desce, não todo o caminho para baixo, começando com o filho divino, não torna sua Cristologia correta. É mais complicado.

É um filho divino que verdadeiramente se torna encarnado. Isso elimina o docetismo. Neste caso, o homem-palavra está certo, não meramente a carne-palavra, mas isso não é suficiente.

É o homem-palavra em uma pessoa com duas naturezas, não em duas pessoas ou algo assim. A preocupação de Nestório seguindo seu professor, Teodoro de Mopsuéstia, era enfatizar a humanidade plena de Cristo, contra Apolinário, e assim a divindade e humanidade plenas de Cristo em duas naturezas. Bom? Bom.

No entanto, ao enfatizar as duas naturezas de Cristo, ele deixou inexplicada a pessoa de Cristo e como as duas naturezas são unificadas nele. Ao falar da união da pessoa, prosopon, ele a concebeu como uma união composta, mas não uma composta da maneira que Apolinário ensinou, ou seja, a combinação das naturezas divina e humana para criar o prosopon de Cristo. Em vez disso, como Fairbairn explica, Nestório a via como uma união composta que consistia na junção ou união de dois sujeitos pessoais.

Não, não, não. A personalidade é encontrada no próprio Filho, o logos e o homem, os dois sujeitos pessoais, logos e homem, de modo que eles podem ser chamados de um único prosopon, assim a responsabilidade de ensinar duas pessoas em Cristo. Fred Sanders captura a visão de Nestório sobre a pessoa de Cristo.

Fred Sanders tem livros realmente bons, sólidos e compreensíveis sobre a Trindade que eu recomendo ao povo do Senhor. Fred Sanders captura a visão de Nestório

sobre a pessoa de Cristo dessa maneira. A única pessoa que é Jesus Cristo parece ser, para Nestório, o resultado da encarnação ou uma maneira de falar sobre o que essas duas entidades vastamente diferentes, Deus Filho e o homem Jesus, estão fazendo juntos, estão fazendo juntos.

Assim, há uma união pessoal em Cristo, mas é uma união pessoal de natureza composta com o acento colocado no sujeito pessoal de Cristo como o homem assumido. Fairbairn ilustra a visão de Nestório comparando-a a uma empresa composta de dois sócios, um dos quais nunca é realmente visto, mas cuja influência é continuamente sentida em todas as decisões da empresa. O sócio visível é análogo ao homem Jesus, mas o logos é aquele que está por trás dele.

Palavras como Cristo, Filho e Senhor se referem à unidade corporativa criada pela cooperação entre os dois. A unidade é semântica porque aquele chamado Cristo significa o par de parceiros, mas o centro pessoal real do ser de Cristo é assim entendido como o próprio homem Jesus. Nestório então expressa a unidade em Cristo, mas apenas em um sentido de aparência externa.

É por isso que a pessoa da união, como Bathorelos observa, citação, significava meramente uma unidade externa entre o divino e o humano em Cristo, citação próxima. Por trás da visão de Nestório, junto com seu professor Teodoro, está uma concepção diferente de salvação e graça. Fairbairn caracteriza sua visão de salvação como um esquema dispensacional de dois atos sem nada a ver com o dispensacionalismo como o pensamos.

Citação, não citação, estou apenas resumindo a conclusão natural da humanidade, não estou citando Fairbairn ainda; a condição natural da humanidade era de mortalidade, mutabilidade e imperfeição, primeiro ato ou estágio, e a salvação é o movimento em direção a um estado radicalmente diferente de imortalidade, incorrupção e perfeição, segundo ato ou estágio. Ao descrever o primeiro ato, Theodore, por exemplo, não está claro se é o resultado da queda histórica na qual, em Adão, caímos de uma condição moralmente boa. Ele parece assumir que isso é, que este estágio é o estado da humanidade desde o início.

Se assim for, então a salvação não é uma restauração da humanidade caída à sua condição original, mas "em vez disso, aqui está uma citação de Fairbairn, a elevação da humanidade a uma condição inteiramente nova". Além disso, em tal visão da salvação, a graça de Deus é vista como cooperativa, permitindo que os humanos alcancem o segundo estágio, com Cristo servindo como um exemplo supremo da graça de Deus trabalhando nele. A vida de Cristo é a primeira vida que passa do primeiro para o segundo estágio e, como resultado, seu cumprimento da lei mosaica nos absolveu da dívida do legislador.

Seu batismo nos deu um modelo da graça do nosso batismo, sua obediência foi um modelo perfeito da vida do evangelho, e sua crucificação e ressurreição destruíram o inimigo final, a morte, e nos mostraram a nova vida imortal, citando Fairbairn. Dessa forma, na linguagem de Hebreus 2:0, Cristo é o arcegos , pioneiro e desbravador que cruza para o segundo estágio e que nos abre a salvação. É por essa razão, junto com a convicção de que o logos não poderia sofrer ou morrer, que Teodoro e Nestório colocam uma enorme ênfase na humanidade de Cristo e, assim, distinguem claramente sua divindade e humanidade.

Para Nestório, o logos não participou dos eventos humanos da vida de Jesus. A nítida distinção entre divindade e humanidade em Cristo leva Teodoro e Nestório a tratar a humanidade de Jesus como se fosse um homem independente ou sujeito, como se o papel do logos fosse em termos de sua cooperação com as ações do homem assumido. Rapaz, a cristologia é complicada, não é? Sem dúvida, Teodoro e Nestório afirmam que Cristo é totalmente único.

A habitação de Deus nele não era exatamente a mesma que sua habitação em nós. Jesus recebeu graça e habitação em um sentido completo, pois ele estava totalmente unido ao logos. Ele é tanto o exemplo supremo de graça quanto um caso único de graça.

No entanto, na Encarnação, a ênfase está no homem assumido e as uniões explicam mais em termos da habitação do logos, de modo que a única pessoa prosopon em Cristo é uma maneira de se referir à unidade cooperativa entre o logos e o homem assumido usando títulos que se aplicam a ambos. Fairbairn novamente, Fairbairn conclui que essa maneira de ver Cristo implica que não se pode concluir que ele, Nestório, vê o único sujeito pessoal em Cristo como sendo o logos ou o filho. Na verdade, é precisamente nesse ponto que Cirilo e a definição calcedônica posterior entram em conflito direto com Nestório.

Para a Ortodoxia, o sujeito pessoal em Cristo é o filho eterno. Mas para Nestório, é algum tipo de composto. Isso explica em parte o uso que Nestório faz do termo Christotokos , portador de Cristo, em vez do uso que Cirilo e Calcedônia fazem de Theotokos , portador de Deus, em referência a Maria.

Dada a transcendência do logos, as duas naturezas de Cristo e, mais importante, que o sujeito pessoal em Cristo é uma união composta de dois sujeitos pessoais, o logos e o homem, e não somente o filho divino, Nestório rejeitou o termo Theotokos . Para Nestório, Maria carrega apenas a humanidade de Cristo com sua própria pessoa. E uma vez que o logos como Deus é distinto do homem, Theotokos deve ser rejeitado.

Cirilo, falecido em 444, por outro lado, insistiu em Theotokos , junto com a Igreja Ortodoxa, porque ele estava preocupado em preservar a unidade da pessoa de Cristo e, junto com a Ortodoxia, em ver o único sujeito pessoal em Cristo como o filho

eterno, não uma união composta de dois sujeitos pessoais, porque o sujeito pessoal de ambas as naturezas é o filho, porque nenhuma das naturezas se expressa exceto em união com o filho como sujeito ativo de cada natureza, e porque qualquer coisa dita de uma das naturezas pode ser dita dela como o filho. É necessário dizer que Maria é a portadora de Deus no sentido de que Jesus, que nasceu de Maria, é o filho encarnado, e não apenas um ser humano habitado pelo logos. Theotokos, então, não foi realmente uma declaração sobre Maria ou elevação de Maria, nada disso.

Theotokos ressalta a divindade de Cristo e o fato de que o sujeito pessoal de Cristo é o filho eterno, que agora subsiste em duas naturezas. Ela carregou Deus em seu ventre. Nenhum crédito para ela.

Uma serva piedosa que o Senhor usou, devemos respeitá-la dessa forma, até mesmo honrá-la, mas nada como adoração ou nada nesse sentido. Nós a honramos como uma mulher piedosa. Podemos honrar José como um homem piedoso, desde que sua parte fosse maior que a dele, mas aquele que ela carregava em seu ventre era Deus, não meramente Cristo, como Nestório disse, pois ele separou a pessoa de Cristo de sua natureza humana.

Aparentemente, de um homem humano, esse debate também implicou em conclusões adicionais que separam a ortodoxia do nestorianismo. Por exemplo, em relação à questão de se Deus pode sofrer, tanto Cirilo quanto Nestório concordaram que Deus era impassível e incapaz de sofrer. Em contraste com Teodoro e Nestório, no entanto, Cirilo afirmou que Deus Filho, como sujeito ativo da natureza humana, é capaz de viver uma vida plenamente humana e, portanto, experimentar nessa natureza humana o sofrimento e a morte.

Nas famosas palavras de Cirilo, Cristo sofreu impassivelmente, ou para ser mais preciso, o filho impassivelmente fez seus próprios sofrimentos de sua própria natureza humana. Cirilo não estava dizendo que houve qualquer mudança ou diminuição da natureza humana de Cristo, já que, na encarnação, o filho assumiu uma natureza humana completa além de sua natureza divina, mas isso implicava que o filho agora é capaz de viver uma vida divina e humana. A rejeição da igreja à Cristologia de Teodoro e Nestório era frequentemente desagradável, como evidenciado nas polêmicas Cirilo-Nestório, mas era necessária.

Teria sido melhor se não fosse desagradável, mas foi assim que aconteceu. No final das contas, havia duas questões cruciais em jogo: primeiro, a unidade da pessoa de Cristo.

Nestório simplesmente não conseguiu explicar e, em vez disso, apelou para uma união composta de dois sujeitos pessoais, o Logos e o homem. Mas a escritura não diz que a natureza humana de Cristo é uma pessoa independente agindo em alguma relação com o Logos divino. Em vez disso, a escritura desenha uma imagem

consistente de uma única pessoa, o filho divino, agindo como um sujeito unificador agora em duas naturezas, um ponto que Calcedônia confessará fortemente.

Na verdade, é somente quando afirmamos esse ponto crítico que podemos evitar qualquer indício de adocionismo, algo que Nestório teve dificuldade em evitar. O Filho de Deus não adotou um ser humano. A humanidade de Jesus nunca existiu além de seu início no ventre de Maria.

E veremos à medida que continuamos, portanto, ele tinha uma humanidade impessoal? E é para o crédito de um cavalheiro chamado Leôncio de Bizâncio, que veremos, por cunhar a frase impessoal. Não havia humanidade de Cristo previamente existente, seja como um homem separado ou algum tipo de entidade à parte do ventre de Maria. Não, desde o segundo da criação de sua humanidade no ventre de Maria, ela foi unida ao Filho, ao Verbo.

Portanto, nunca foi impessoal. Ah, era impessoal no sentido de que era uma grande batalha e terminologia sobre isso. Mas eu não gosto dessas coisas impessoais.

Mas é verdade. Era impessoal no sentido de que não havia um homem separado. OK, mas nunca foi realmente impessoal.

Ela sempre foi impessoal e hipóstase, como veremos, em virtude da união com o Verbo no ventre de Maria. Entendeu? Jesus não habitou um homem ou uma natureza humana abstrata. Sua natureza humana tomou sua personalidade de sua união com o Verbo no ventre de Maria.

Então, desde o seu início, a natureza humana era impessoal em virtude da união com o eterno Filho de Deus, que se tornou o Deus-homem. Também estava em jogo a relação vital entre Cristologia e soteriologia. Em última análise, o debate nestoriano era sobre visões concorrentes de Cristo e salvação.

Em nítido contraste com a compreensão de duas idades de Teodoro e Nestório, a Escritura afirma uma estrutura de criação-queda-redenção. A salvação requer mais do que um homem excepcionalmente agraciado que sirva como exemplo e desbravador da humanidade. Requer alguém que seja Deus Filho.

O problema humano é sério. Estamos condenados diante de um Deus santo do universo. E a única solução para o nosso perigo é se o próprio Deus agir para nos salvar a fim de satisfazer suas próprias exigências justas.

A Escritura é clara. O Deus trino deve salvar, e somente ele pode fazer isso. A salvação é obra de Deus, e é somente Deus, o Filho encarnado, que pode nos redimir.

Não precisamos meramente de um homem habitado por e ou unido em algum tipo de união com Deus Filho. O que precisamos é de um Filho divino assumindo nossa natureza humana em sua própria pessoa para que ele possa nos representar e agir em nosso favor como nossa nova cabeça e substituto da aliança. Amém.

Este é o Dr. Robert Peterson e seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 4, Cristologia Patrística, Parte 3, Desenvolvimento, Caminhos Falsos, Apolinarismo e Nestorianismo.